



PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, FORMAÇÃO DOCENTE E O ADOECIMENTO PSÍQUICO: UM ESTUDO DE CASO EM TRAIRI E MIRAÍMA NO CEARÁ

Daniele Gruska Benevides Prata – Autor(1); José Kasio Barbosa da Silva – Co-autor (2); Marcos Andrade Alves dos Santos – Co-autor (3); Juliana Brito Cavalcante – Orientador (4)

Universidade Estadual do Ceará – UECE. daniele.gruska@uece.br ; Universidade Estadual do Ceará – UECE jose.kasio@aluno.uece.br ; Universidade Estadual do Ceará – UECE marcos.alves88@gmail.com; Faculdade Lourenço Filho – FLF. Juliana_brito_psicologia@hotmail.com

Resumo: A presente pesquisa foi realizada nos municípios de Trairi e Miraíma no Ceará com o desígnio de constatar qual percepção dos docentes indagados sobre a relação entre a precarização, o adoecimento psíquico, o adensamento (Síndrome de *Burnout*) e a desenvolvimento do educador. Para tanto, foi extenuada a temática nos alicerces bibliográficos e arrecadada através de investigação de campo a percepção de 18 professores sobre o objeto, do universo de 178 lotados na região, das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental dos aludidos municípios. Desta forma, a esta análise procurou esclarecer que subsídios do incremento profissional e do arcabouço oferecido para a execução da atividade catedrática são responsáveis pelo desenvolvimento do adoecimento psíquico, de acordo com a percepção dos professores participantes. Entre os achados mais expressivos da investigação e pautados ao adoecimento psíquico, localizamos o antagonismo entre a doutrina lecionada nos cursos de formação e a realidade das escolas públicas, os problemas com a comunidade, as extensas jornadas de trabalho e restrições de recursos para o emprego apropriado das técnicas de ensino-aprendizagem. Os partícipes destacaram o valor de cumprimento de estágio de docência em unidades de ensino público desde os iniciais anos de formação, provocando a edificação de práticas acolhidas da realidade profissional.

Palavras-chave: Precarização. Formação Docente. Adoecimento.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho docente tem sido foco de diversas pesquisas acadêmicas. Dentre as principais investigações acerca da atividade laboral dos educadores de ensino superior estão as relativas ao adoecimento psíquico ocasionado pelas pressões por produção acadêmica, associada às atividades de sala de aula e funções administrativas (GOMEZ- MINAYO. E THEDIN-COSTA, 1999).

Em busca de indicadores de produtividade, as instituições de ensino, particulares e públicas, têm pressionado sobremaneira a atividade docente, precarizando muito além do seu trabalho e interferido de forma negativa na qualidade de vida. As pressões por produtividade afetam o equilíbrio psicológico dos indivíduos, tornando-os susceptíveis a doenças de extrema gravidade como a Síndrome de *Burnout* (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Os estudos preliminares relativos à referida síndrome datam de meados da década de 1970 e foram iniciados para tentar explicar como e por qual motivo trabalhadores de determinadas áreas



apresentavam comportamentos desadaptados nas funções que exerciam e quais as relações desses comportamentos com o estresse ocupacional (LIMONGI-FRANÇA, 2003).

Desta forma, as primeiras investigações, orientadas pelos profissionais de saúde e da área da gestão, procuravam identificar características que pudessem ser associadas a doenças físicas e perdas de produtividade, demonstrando que as preocupações preliminares estavam pautadas em encontrar subsídios para determinar o estresse ocupacional como doença e construir a sua imagem como ocasionador de baixas produtividades e indicadores negativos na esfera organizacional (BRANT E MINAYO-GOMEZ, 2004).

Como meio de provar a origem desse estresse e os desdobramentos oferecidos por ele, diversos instrumentos avaliativos, a maior parte deles orientado pelas concepções da psicologia comportamental e pela medicina tradicional, tentavam avaliar os níveis basais de estresses. Os primeiros estudos conseguiram isolar um fenômeno importante: de que uma parcela significativa dos sujeitos diagnosticados com estresse estava com a produção de hormônios como cortisol e adrenalina desregulados. Sabidamente pela comunidade da saúde, o desequilíbrio dessas taxas traz impactos significativos no corpo, gerando danos irreversíveis, inclusive quando a exposição é de longo prazo (BERTÃO E HASHIMOTO, 2006).

Problemas de curto prazo como perda de memória recente, sono alterado, dificuldades de concentração e alguns problemas circulatórios são de rápida resolução, principalmente quando o agente estressante é isolado do indivíduo. Porém, quando a exposição é de longo prazo, os problemas com maior grau de complexidade se tornam presentes, mesmo com a ausência do elemento estressor, e podem ser percebidos como danos também de longo prazo, conduzindo o indivíduo para doenças reconhecidas pela dificuldade de tratamento e pela cronicidade. Dentre essas doenças existem aquelas que também se colocam como irreversíveis como a demência, os mais diversos tipos de cânceres e problemas de maior gravidade no sistema circulatório. Em outras palavras, o que se passou a chamar de Síndrome do Estresse Ocupacional, além de reduzir a capacidade produtiva dos indivíduos que estão sob a sua tutela ainda interfere de forma importante da longevidade do trabalhador, tornando algumas funções insalubres (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Não distante das profissões que ocasionaram os estudos sobre o adoecimento ocupacional, está a função do docente de ensino superior, que tem seu trabalho precarizado das mais diversas formas e pelos mais diversos motivos, seja pela necessidade de publicar incessantemente, seja pela



obrigatoriedade de enfrentar salas lotadas e, ainda estar sujeito aos baixos salários e estruturas inadequadas para exercer o trabalho (LIMONGI-FRANÇA, 2003).

É com essa justificativa que este trabalho se constitui, com o objetivo de Avaliar a resposta profissional do docente de ensino Fundamental II das instituições públicas sediadas nos município de Trairi e Miraíma – CE frente as dificuldades enfrentadas no campo laboral e em qual sentido essa resposta impacta negativamente na produtividade, qualidade do trabalho, longevidade no trabalho e expectativa de vida.

Para auxiliar o objetivo geral os seguintes objetivos serviram como suporte para a análise do fenômeno a ser estudo: verificar a incidência de professores que apresentam sintomatologia de estresse laboral; identificar a percepção dos docentes sobre a relação entre trabalho e qualidade de vida; identificar como os docentes adentraram no campo profissional e quais as expectativas preliminares a respeito da profissão.

Mesmo com as poucas publicações que coloquem a problemática da relação entre a precarização do trabalho docente e a relação com o estresse, as pesquisas revelam que um problema de grande vulto é a falta de condições estruturais e as salas lotadas de alunos, o que torna a atividade exaustiva e com efetividade reduzida, contrariando as condições mais elementares descritas na literatura sobre didática e teorias de ensino-aprendizagem.(SIQUEIRA, 2006)

Assim, as explorações que auxiliam na construção do estresse ocupacional remetem a negligencias estruturais, exploração profissional, políticas motivacionais e o absurdo processo de “*hankear*” os programas de educação, pautado na quantidade de horas depreendidas para a atividade docente e nas notas que os alunos recebem nas avaliações nacionais e internacionais (MINAIO, 2000).

Em outras palavras, a função do professor é reconhecida como tipicamente explorada e analisada sob a perspectiva do operário que precisa se adequar a produção em massa, negligenciando outros fatores da vida profissional e da vida privada (GOMES, 2002).

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo fez-se necessária uma pesquisa de campo com 10 % do contingente de professores, onde foi aplicado um questionário com perguntas abertas. Foram mapeados nos dois municípios pesquisados 178 professores atuantes no Ensino Fundamental II. Desta forma, aplicamos 18 questionários, resguardando um percentual que contribuísse de forma fidedigna com o



perfil do grupo pesquisado. Foram designados números para os professores participantes, como meio de preservar a identidade e o sigilo das respostas (YIN, 2001).

O questionário continha 9 perguntas abertas que abordavam os seguintes assuntos: a escolha profissional por ser professor; o papel docente na construção social; a afetividade pela profissão de professor, e o entendimento sobre a questão dos alunos indisciplinados; se os profissionais já tinham sentido o esgotamento, cansaço ou vontade de não trabalhar; se já haviam pedido licença do trabalho ou conheciam alguém que já tivesse se afastado do trabalho; se houve interesse em trocar de profissão; o que fazem para reduzir os impactos do estresse ocasionado pelo trabalho e por fim se tinham conhecimento da Síndrome de *Burnout*.

Como estratégia de análise dos dados, foi realizada uma avaliação qualitativa, analisando a predominância do tipo de resposta sobre as temáticas analisadas com a finalidade de construir um estudo de caso, uma vez que se trata de uma análise de um grupo populacional definido e que pode conter particularidades. Para tanto, foram separadas em categorias as respostas dos participantes da pesquisa e transcritas as respostas que apresentavam com maior fidedignidade os resultados da maioria dos indivíduos pesquisados (YIN, 2001).

Para a realização da pesquisa fez-se necessário o esgotamento do conteúdo a ser abordado, embora que poucas pesquisas tenham como foco o professor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a pergunta numero 1 (*Você sempre optou por essa profissão? Ser professor (a)?*) as respostas que os professores registraram predominantemente esclarecem que não possuíam interesse primário em seguir na profissão docente, levando em conta que alguns a reconhecem posteriormente como desvalorizada socialmente. Dos 18 professores que responderam ao questionário, 11 deles confirmam que se tornaram professores por acaso ou por esta ser a única opção mais rápida e disponível, o fato de terem se tornado professores comumente é relacionado a carência de oportunidades no mercado de trabalho na região onde atuam. Diz um professor ao se referir a sua profissão:

“No início fui empurrado para ela por falta de opção”. Prof. 2

Ao passo em que confirmam as deficiências do sistema em garantir-lhes as condições de trabalho minimamente respeitáveis e valorativas, nas respostas a questão número 2 (*Para você, qual a importância de ser professor (a) na construção de uma sociedade?*), os mesmos profissionais condicionam a idéia de professor ao exercício de grandes responsabilidades, uma vez que



consideram o educador como agente humano que atua na construção da sociedade mais justa, que existe com a possibilidade concreta de pensar no bem comum, e principalmente de preparar os educandos para as relações sociais. Todos expressam uma visão muito positiva sobre o papel social do professor, entendendo a importância de sua atividade nos termos de construir opiniões, cidadãos políticos e sociais.

“O professor tem o papel de despertar a autonomia e a criticidade do educando para interferir no contexto em que está inserido”. Prof. 1

“É fundamental, pois ser educador é contribuir para uma sociedade mais justa onde o indivíduo seja capaz de decidir e tomar posições justas para o bem comum”. Prof. 18.

“Vejo o professor com uma grande responsabilidade nas mãos. Hoje não é apenas repassar os conhecimentos para os discentes. Temos muitas vezes que ser docentes, médicos, psicólogos e algumas vezes até delegados para resolvermos conflitos. São por esses e outros motivos que deveríamos ser mais respeitados e valorizados, para não termos que sempre entrar em greve ou paralisarmos aulas para podermos ter nossos direitos respeitados”. Prof. 3

Essa última resposta produz um efeito interessante para a análise pretendida neste trabalho, observamos que a ação do professor na escola pode ser explicada pela soma de atividades que ele executa. Está explícito que o acúmulo de funções pelo professor reverbera na sua prática pedagógica, afetando sua capacidade de gerir sua vida e suas potencialidades para assumir tantas funções. O professor procede em ser mais do que um dispositivo que permite a construção de conhecimentos, ele é agora explicado como um ser de responsabilidades que vão para além do simplificado raciocínio de “repassar conteúdos” que estariam na ordem do currículo, conclui-se que o professor executa outras funções complicadoras de suas atividades, mas que o exercício destas novas funções produz efeitos quase sempre prejudiciais para este sujeito.

A questão número 3 se divide em duas (*Você ama essa profissão? Na sua opinião os alunos intitulados que “não querem nada” atrapalham seu trabalho?*), entretanto as respostas a estas perguntas são complementares e é perceptível que a segunda resposta termina por produzir impactos na certeza com a qual os professores respondem a primeira pergunta. Dos 18 professores que responderam ao questionário 10 argumentam que amam sua profissão, de todo modo, não conjecturam motivos pelos quais sentem esse sentimento em relação ao trabalho que desenvolvem. Da mesma forma, os 8 professores que afirmam não amar a profissão não estabelecem as razões de tal situação. Por outro lado uma variável chamou atenção, quase todos os professores parecem concordar que os alunos perguntados desmotivam. Consideram também que o perfil de aluno



especificado na pergunta atrapalha aos professores e aos demais alunos, são desgastantes, comprometendo a atividade docente por não terem objetivos definidos.

“Quando a sala de aula é composta por uma grande clientela sem objetivos acaba atrapalhando a aula”. Prof. 5

Caracteristicamente a fala de dois professores pretende destoar da grande maioria afirmando que os alunos que atrapalham são um desafio para a profissão. Argumentam ainda para a utilização de metodologias que envolvam todos os alunos com vistas a promover afetividade no trabalho, compreendendo as particularidades destes “alunos problemas” ofertando-lhes oportunidades de reflexão.

[...] “Possibilitando uma afetividade no trabalho, portanto aos educandos *sem interesse* utilizo métodos”... Prof. 10

...“Quanto aos alunos que supostamente atrapalham as aulas, não vejo assim, e sim como um desafio para minha profissão”. Prof. 18

A pergunta de número 4 (*Alguma vez você já sentiu vontade de não trabalhar, esgotado (a), cansado (a) com desânimo? Por Quê?*) estimula a respostas que podem nos conduzir a condições significativas para acreditar na emergência do processo de cronificação do estresse na prática docente,

“Sim. O cansaço do dia a dia muitas vezes é cruel, pois quando a mente cansa o corpo acaba padecendo”. Prof. 3

Este professor acaba por enunciar o relacionamento intrínseco entre corpo e mente, apontando que a mente ao se cansar produz sintomas físicos sentidos e expressos pelo corpo. De uma maneira consistente a constatação do cansaço, desmotivação, desânimo e esgotamento repercutem nas respostas dos professores, dos 18 que responderam ao questionário 15 registraram que se sentem ou já se sentiram cansados, esgotados, desanimados e sem vontade de trabalhar – esse dado é assustador. Os motivos apresentados comumente refletem os desapontamentos com a profissão, fazem aparecer à evidência de que o esgotamento físico e mental existe por conta das dificuldades encontradas no trabalho. Os profissionais argumentam que a indisciplina dos alunos torna o professor esgotado. O acúmulo de atividades desenvolvidas pelo professor na vida profissional e pessoal, especialmente na familiar, contribui decisivamente para a condição de esgotamento profissional exemplificada pelos professores.



“Sim. Pois além da escola temos família e precisamos dá a nossa assistência, isso deixa a jornada de trabalho mais extensa”. Prof. 11

As respostas também fizeram emergir a saúde como um fator complicador,

“Algumas vezes, por problemas de saúde”... Prof. 1

“Sim. No ano de 2015, quando fui acometida de depressão no período da gravidez”. Prof. 6

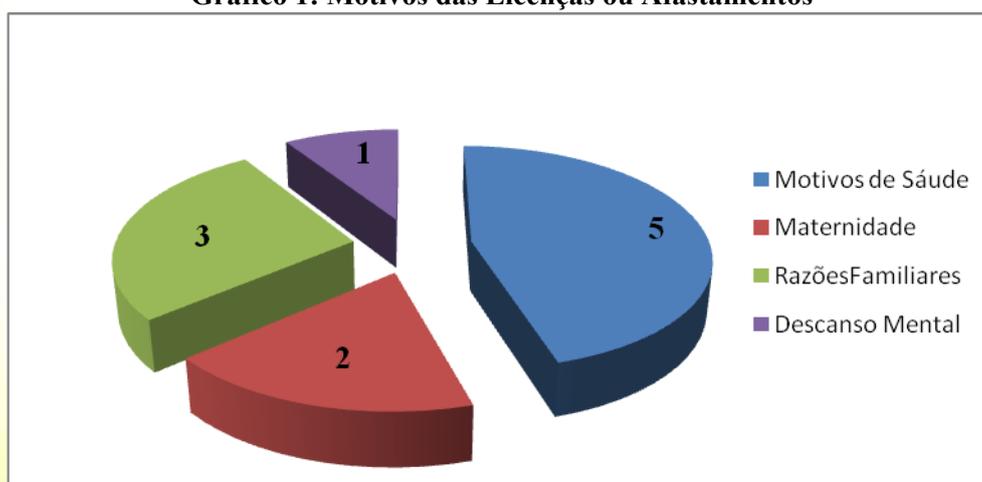
Essas duas respostas nos orientam a querer entender as razões pelas quais estes problemas de saúde se desenvolveram, inclusive cogitando quais a relações destes problemas com as condições de estresse do ambiente escolar, da sala de aula, das relações dos professores com os alunos. Seriam estes problemas de saúde decorrentes do desenvolvimento da síndrome de Burnout?

A pergunta número 5 (*Você já pediu afastamento ou licença do trabalho? Por qual motivo?*) apresenta uma realidade já anunciada pela questão anterior, observamos que dos 18 professores desta pesquisa 11 já pediram afastamento do trabalho, um número significativo em relação a resposta anterior. Dos 11 professores, 5 pediram afastamento por motivos de saúde , 2 por motivo de maternidade, 3 por razões familiares e uma para descanso mental, como nos diz a fala do professor, a seguir:

“Sim. Para um descanso mental e para cuidar um pouco da saúde”. Prof. 8

Dito de outro modo, o gráfico a seguir pretende dimensionar em números as respostas dos professores:

Gráfico 1: Motivos das Licenças ou Afastamentos



Fonte: Elaborado pelos próprios autores



Mesmo considerando muitas razões, as respostas dos professores a pergunta número 6 (*Você já pensou em trocar de profissão? Por quê?*) evidenciam que a maioria não pensou em trocar de profissão, dos 18 professores que responderam ao questionário, apenas 7 admitem que pensam ou já pensaram em trocar de profissão. As razões apresentadas apontam que tal circunstância é causada pela desvalorização e especialmente pelo estresse ocupacional. O estresse acomete o cotidiano dos professores, quando ele é aferido se torna elemento provocador de desestímulo e cansaço. Os professores ainda pontuam que sua profissão está na categoria de risco por conta dos problemas sociais.

Contrariando a estas respostas alguns dos 11 professores que responderam negativamente falam em dificuldades de trocar de profissão, em sua identificação com o magistério, amor e a possibilidade da profissão em construir conhecimentos.

11 professores dos 18 investigados assinalaram na questão número 7 (*Você conhece profissionais de sua categoria que já se afastou do trabalho por não suportar mais a profissão?*) conhecer profissionais de sua categoria que se afastaram do trabalho, mais dão respostas diferentes, alguns, de fato reconhecem outros professores que se afastaram por motivos de saúde, estresse, cansaço, entre outros, enquanto que parte dos que responderam afirmam que existem outras razões como mudança de emprego.

“Sim. Pessoas que tem síndrome de sala de aula”. Prof 9

A referida síndrome “de sala de aula” pode ser concebida como uma sensação de inadequação ao cargo ou pelo sofrimento subjacente a atividade docente. Por se tratar de um assunto particular e pela própria característica do adoecimento psíquico, as motivações individuais ficam restritas ao conhecimento de poucos, o que pode ser interpretado por outros colegas de trabalho como preguiça ou falta de empenho no trabalho. Ademais, as questões de ordem emocional são subjulgadas ao adoecimento físico, tornando-as de menor importância pela sua peculiaridade de “invisibilidade” em seus estágios preliminares. É mister identificar o preconceito atrelado ao adoecimento psíquico, tornando-o menos importante do que outras expressões do adoecimento.

Algumas atividades se repetiram nas respostas a questão número 8 (*O que você faz para reduzir os impactos do estresse e melhorar a qualidade de vida?*), as atividades que mais se destacaram são: Planejamento da rotina diária, separando trabalho e lazer; Leitura; Música; Conversas com amigos virtuais ou reais; Descanso e orações; Família; Exercício físico; Automedicação como estratégia de mascarar ou reduzir as mais diversas dores relacionadas ao



trabalho; Busca por tratamentos médicos; Manutenção do equilíbrio emocional; Incorpora um personagem em sala de aula e o descarta quando sai; Igreja entre outras.

Muitos professores destacaram a importância do planejamento da rotina diária como fator fundamental da qualidade de vida, estabelecendo no dia a dia atividades de lazer e a prática de exercícios físicos para amenizar os efeitos do estresse. Um ponto que chamou atenção foi a necessidade de automedicar-se para a manutenção do equilíbrio, os tratamentos médicos constam nas respostas, o que aponta para a confirmação de que os professores estão vulneráveis a enfermidades emocionais, psíquicas e físicas.

Dos 18 professores pesquisados 10, quando responderam a questão de número 10 (*Você já ouviu falar sobre uma doença conhecida como a Síndrome de Burnout que o professor adquire por conta do estresse no trabalho?*) já ouviram falar sobre a Síndrome de Burnout, entretanto não dispõem de informações suficientes sobre a doença por procurar se aprofundar na pesquisa a tal distúrbio. A maioria dos professores que respondeu afirmativa já tinha ouvido falar através da exposição sobre o tema, realizada por uma das autoras do trabalho em uma feira de ciências estadual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adoecimento psíquico do docente é uma temática ainda pouco explorada. Isso se dá pela parca produção acadêmica desenvolvida e pelas dificuldades de abordagem sobre os problemas que estão elencados como de ordem emocional. Desta forma, a investigação realizada com 18 professores dos municípios de Trairi e Miraíma no Ceará mostraram um retrato da realidade ainda com poucas inserções e com carência de análises.

Os resultados encontrados apontam que os professores pesquisados, atuantes no Ensino Fundamental II, percebem a relação entre o adoecimento psíquico e atividade docente. Para evitar o adoecimento psíquico ressaltam a importância de atitudes e atividades individuais e coletivas que permitam a canalização de alguns dissabores da profissão. Além disso, consideram que as negligências relativas à gestão escolar corroboram os indicadores de absenteísmo, que são tipicamente taxados de preguiça ou fraqueza.

Os docentes pesquisados reconhecem os sintomas do adoecimento psíquico, porém analisam que o referido adoecimento é negligenciado tanto pelos próprios docentes como pela gestão escolar. Isso requer uma atenção das autoridades, uma vez que a doença psíquica pode apresentar uma fase de irreversibilidade, nomeada como síndrome de *BurnOut*.



Mesmo com essa percepção, ainda é possível enxergar nas respostas de alguns professores o preconceito enraizado sobre os mecanismos de enfretamento das relações insalubres de trabalho. Internalizado de acordo com o discurso patronal, de que a doença psíquica se configura como uma covardia e fuga do trabalho, ainda é necessária uma revisão desses conceitos e o investimento em novas pesquisas que gerem produções acadêmicas que auxiliem na construção de uma atuação docente mais consciente das condições predisponentes para o adoecimento e das ferramentas possíveis para a redução do impacto e da incidência de adoecimento na população pesquisada.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BERTÃO, Flávia R.B.M. & HASHIMOTO, Francisco. Entre o desejo e sofrimento psíquico no trabalho: um estudo de caso com professora de educação infantil. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, vol. 12, n. 20, p.141 – 163, dezembro de 2006.
- BRANT, L.; MINAYO-GOMES, C. transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2004, n 9, vol. 1, pp. 213-223.
- CARLOTO, Mary Sandra. Síndrome de *Burnout* e a satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In: BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CODO,W; SAMPAIO,J; HITOMI, A. **Sofrimento psíquico nas organizações**: saúde mental e trabalho. Petrópolis:Vozes, 1995.
- CUNHA, L.A. A nova reforma do ensino superior: a lógica reconstruída. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, pp. 20-49, julho de 1997.
- DIAS, C.L.; HORIZUELA, M.L.M. & MARCHELLI, P.S. Políticas para avaliação do ensino superior no Brasil: um balanço crítico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, pp. 435-464, setembro a dezembro de 2006.
- DEJOURS, Christopher. **A loucura do trabalho**: estudo da psicologia do trabalho. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.
- _____. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. Ed Atlas: São Paulo, 1994.
- DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento Sem Trabalho**. São Paulo: Editora Esfera, 1999.



- GOMES, A.M. Políticas de avaliação da educação superior: controle e massificação. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, pp. 275-298, setembro de 2002.
- GOMEZ- MINAYO, C. & THEDIN-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: parceiros e dilemas. **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro. p. 21-32, 1997
- LAUTERT, L. O desgaste profissional: estudo empírico com enfermeiras que trabalham em hospitais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, RS, v. 18, n. 2, p. 133-144, 1997
- LIMA, M.E.A. A Psicopatologia do Trabalho. Origens e desenvolvimentos recentes na França. **Psicologia Ciência e Profissão**, n 18, v. 2, pp. 10-15, 1998
- LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. **Qualidade de Vida no Trabalho: Conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIPP, M. **Manual do inventário de sintomas de stress para adultos Lipp (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MENDES, A. M. & ABRAHAO, J. I. A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer e sofrimento do trabalhador: uma abordagem psicodinâmica. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 12, pp. 179-184, 1996.
- MENDES, R & DIAS, E. C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Rev. de Saúde Pública**, n. 25 v. 5, pp. 3-11, 1991
- MENDES, A.M.B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem trabalho: as contribuições de Dejours. **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 12, v. 3, pp. 34-38, 1995.
- MINAIO, M.C.S et All. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Rio de Janeiro: **Ciência e saúde coletiva**, v.5 pp.7-18, 2000.
- SIQUEIRA, T.C.A. O trabalho docente nas instituições de ensino superior privado em Brasília. **Sociedade e estado**, v. 21, n.3, pp.810-811, dezembro de 2006.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Brookman, 2001.